

## Na rua, encontros e desencontros...

No final da minha pesquisa de terreno, ligo o meu computador, abro o documento intitulado "Notas de Campo", e deparo-me com páginas e páginas de texto... muitas descrições, descrições de crianças, de ambientes, de modos de vida, de diálogos, algumas considerações, algumas relações e extrapolações. No fundo, a narrativa de alguns meses de trabalho, que me serviria a partir de então para a redacção de muitas outras páginas.

**A. Ponto da situação**

As notas de campo urgiam agora de um processo de selecção e muito trabalho de interpretação. Numa primeira análise, não era o trabalho de selecção que me assustava, já que, apesar de ter reunido algumas histórias interessantes e ricas, há muito tempo que, ainda que não de forma totalmente consciente, ou se calhar assumida, essa selecção tinha sido já feita. Debruçar-me-ia sobre quatro relatos, na minha opinião muito ricos em informação explícita e clara. Assustava-me sim, de alguma forma, o trabalho de interpretação...

Como é que eu ia interpretar os dados que tinha reunido ao longo de todo este tempo? Incapaz de uma resposta imediata, debrucei-me sobre o meu material, li-o, reli-o e tornei ainda a lê-lo, e destas sucessivas leituras colocou-se-me uma única questão: «Quais os meus objectivos no início desta investigação?» Sim, «O que é que eu pretendia saber?», «O que é que eu pretendia dar a conhecer?», «E agora?» «De acordo com os objectivos inicialmente traçados para este trabalho, o que é que se mostra relevante divulgar?» Ora, tendo em conta que tal trabalho pretendia à partida investigar para conhecer e dar a conhecer o fenómeno dos meninos na rua na cidade de Braga, inúmeras informações, que no momento eram só minhas, gritavam por partilha, por discussão. Eu tinha em mãos informação útil, interessante, capaz, no fim de contas, de caracterizar o fenómeno e os seus protagonistas, certo? Este raciocínio, aparentemente básico, ia-me ajudando a organizar ideias, e à medida que obtinha resposta para as minhas questões iniciais, muitas outras, já capazes de traçar o perfil a utilizar na minha interpretação de dados, iam surgindo como flashes de luz: Encontramos o fenómeno meninos na rua na cidade de Braga? Exactamente em que

moldes? Quem são e onde vivem, que escola frequentam? Quem são as famílias que atiram os seus filhos para a rua? Qual a relação destas crianças com estas mesmas famílias que, "boas ou más", são, no fim de contas a única que têm? E quem são os amigos? Companheiros de um mesmo percurso? Encontram-se grupos organizados de crianças na rua? Se sim, como é que se organizam, há líderes? E a escola, eles vão à escola? E o que é que eles têm a dizer acerca da escola? E as instituições, qual o seu papel? E o que é que estas crianças têm a dizer destas mesmas instituições? São crianças como as outras? Do que é que gostam? Sonham? Que expectativas têm?

Respondendo a todas estas questões, estabelecendo pontos de encontro e desencontro, definindo convergências e divergências entre os diversos relatos, estaria a interpretar os dados de que dispunha, estaria a dar respostas capazes de caracterizar o grupo em estudo, estaria a apresentá-lo a quem queira, em qualquer momento, conhecê-lo. Restava-me organizar toda esta amálgama de raciocínios e de questões, de forma a redigir um também organizado discurso, um texto científico... Atentei de novo sobre as questões que me foram surgindo e consegui organizá-las em unidades de interpretação, ou melhor, em categorias de análise, nas quais passaria a encaixar as informações, os discursos de que disponho. São elas Família, discurso e relações, Escola, alento ou desalento? Instituições, que pretensão? Grupo de pares, como se organizam? Influências, companheirismo e/ou autoridade? Expectativas...

O primeiro passo, já a seguir, vai ser o de contar as histórias das "minhas crianças na rua". Contá-las-ei já organizadas de acordo com as categorias de análise definidas no parágrafo anterior.

O segundo passo, que ocupará o capítulo seguinte, será a caracterização de cada uma das categorias de análise – família, escola, Instituições, grupos de pares e expectativas, recorrendo, sempre que se mostrar oportuno, a trechos dos seus discursos.

A narrativa, um todo reconstituído a partir de uma prática vivenciada por mim, permitir-nos-á conhecer estas crianças: quem são, que idades têm, quais os seus trajectos, os seus gostos, as suas expectativas, permitir-nos-á no fim de contas, compreender este modo de ser criança... Apesar de as considerar protagonistas de todo o processo, e achar que não deveriam permanecer no anonimato, por razões óbvias os nomes foram alterados... No final tiraremos as conclusões que se mostrarem pertinentes.

---

## B. As suas estórias. Os seus discursos. Primeiras impressões

O que eu gostaria mesmo de fazer, era aproveitar o espaço que se segue, e à boa maneira antiga, contar-vos uma história... ou melhor, contar-vos várias estórias. Apesar de não se parecerem com contos de fadas, porque o final, apesar de não conhecido, não se prevê feliz, começaria na mesma por "Era uma vez...", e aproveitaria então esta tão pouco original, mas sempre apaixonante forma de começar uma história, para, de forma detalhada, vos falar acerca de cada uma das "minhas crianças na rua". Descrever-vos-ia cada uma delas com toda a minúcia possível, bem como todos os nossos encontros, os ambientes que partilhámos, com todas as suas cores, todos os seus ruídos de fundo e todos os seus cheiros, descrever-vos-ia ainda tudo o que eu senti, tudo o que eu senti que eles sentiram, enfim, descrever-vos-ia tudo o que se passou ao longo de vários meses. Mas como o bom senso e a objectividade, e se calhar o limite de páginas, o não permitem, ou pelo menos aconselham a que se não o faça, terei de encurtar a narrativa e passar de imediato ao que objectivamente interessa de facto para o caso, ou seja, apenas o essencial à compreensão do fenómeno! Não deixarei de vos contar as histórias das "minhas crianças na rua" porque doutra forma não poderia ser, mas fá-lo-ei de uma forma bem mais resumida daquela que desejaria, e aproveitarei desde já, para encaixar os parágrafos da narrativa nas diversas categorias de análise que acabam de ser definidas, e que passo a lembrar: Família, discurso e relações, Escola, alento ou desalento? Instituições, que pretensão? Grupo de pares, como se organizam? Influências, companheirismo e/ou autoridade? Expectativas... Ficaremos assim com a ideia imediata da percepção de cada um deles relativamente a cada uma delas. Não passa com certeza despercebido que a cada uma destas categorias de análise, à excepção da última, a categoria das expectativas, correspondem, no fundo, os diferentes contextos de socialização das "minhas crianças na rua".

## 1.ª Estória

### Família, discurso e relações

O Tó Mané diz que *«não quer saber da família para nada»,* e que *«para apanhar porrada, então apanha na rua, que ao menos pode dar também».* O Tó Mané tem oito anos. Oito anos franzinos, eu não lhe daria mais de cinco, seis... um sorriso simpático, olhos escuros, cabelo rapadinho do mesmo tom, pele toda ela morena, as partes mais expostas ao sol e à sujidade, enegrecidas. Conheci-o na rua através de um amigo dele que eu já conhecia do centro social de S<sup>to</sup> Adrião. Quando lhe perguntava onde mora, respondia-me, como que a querer despachar-me *«p'ralá»*, acenando com a cabeça para um bairro social que se avistava do local onde nos encontrávamos, e que mais tarde, depois de bastante insistência, eu viria a conhecer. Viria também a conhecer, resultado de uma prolongada, paciente e sempre discreta (sobretudo discreta!) insistência, a sua casa.

O Tó Mané pertence a uma família relativamente numerosa. São sete ao todo. Ele é o quarto de cinco filhos de uma família reconstituída porque o pai morreu, mas a mãe juntou-se com o indivíduo com quem vivem actualmente. Esta nova relação foi aliás a causa da vinda desta família natural de uma comunidade rural, que apesar de pertencer ao Distrito de Braga fica um pouco distante da cidade. A família sobrevive às custas da mãe, que cumpriu o 4.º ano de escolaridade e que mais não consegue do que fazer limpezas em escadas (poucas), trabalho precário; o padrasto, também com o 4.º ano de escolaridade não faz nada, espera pelo dinheiro que os mais velhos dão ao fim do mês.

Visitei a casa do Tó Mané numa Quarta-feira à tarde. O meu objectivo não era conversar com ele em casa, em contexto familiar, nem sequer com os pais dele. Queria apenas conhecer a casa dele, e já agora, os pais. Estava alertada para o facto de *"nos estudos familiares, existe o risco, porém, de que as respostas das crianças sejam influenciadas pela presença dos pais ou dos irmãos (Christensen e James 2005: 104)."* Os pais estavam em casa e se esquecer a parte em que o Tó Mané foi recebido com insultos que o contexto não me permite reproduzir, fui muito bem recebida. O padrasto, desempregado, estendido no sofá, colecionava garrafas de cerveja enquanto via televisão. *"Boa tarde minha senhora, bai uma cerbejinha?"* À distância, tenho a sensação de ter vivido um sonho, ou melhor, um pesadelo. Estava ali recriado o ambiente que ainda só tinha tido a oportunidade de ver naqueles filmes cuja acção

se desenrola em bairros periféricos de Nova Iorque. Na casa do Tó Mané imperava a desordem e a confusão. É um T2 relativamente pequeno, que abriga 7 pessoas, não posso explicar como porque não vi camas para todos, e com tanta coisa espalhada que havia, fui capaz de reconhecer as diferentes divisões da casa através das típicas referências: os quartos por causa das camas, a sala pelo sofá e pela televisão, ambos ao serviço do chefe, e a casa de banho e a cozinha, pelos óbvios utensílios. A mãe preencheu o tempo de ambas com aquilo a que eu chamo um *uniálogo*... queixou-se da vida, da casa, do bairro, do marido, dos filhos, das vizinhas... volta e meia quebrava o ritmo de um discurso marcado pelo queixume com ameaças violentíssimas dirigidas ao Tó Mané. A partida foi igual à chegada, marcada por insultos, ameaças e advertências ao rapaz, no sentido de chegar cedo a casa.

Revivamos alguns dos pontos altos dos nossos diálogos:

- Com quem moras Tó Mané?
- C'ó meu padrasto, a minha mãe, e 4 irmãos, duas raparigas e mais dois rapazes...
- E... (já não me deixou concluir a pergunta)
- Olha... é só perguntas, só perguntas... quem és tu?
- Eh pá, tens razão, desculpa, não me apresentei... eu sou a Sara (e enquanto me apresentava estendia-lhe a mão, como que para o cumprimentar).
- Olha ela... Oh senhora, bacalhaus só no Feira Nova!
- (Não contive uma gargalhada)
- E ri-se... *com'às* pessoas!
- (Outra gargalhada)
- Ouve lá senhora, o que é que queres?
- Quero ser tua amiga, brincar contigo e com os teus amigos, estar sempre aqui como vocês estão...
- (Desta vez a gargalhada foi dele, mas que sorriso tão bonito!) Mas tu não precisas, tu és diferente...
- Sou diferente???!?
- (não prosseguiu com o raciocínio e rapidamente mudou de assunto) Dá-me 50 cêntimos...
- Para que queres 50 cêntimos?
- *Pa* comprar qualquer coisa *pa* comer...
- Pede à tua mãe.
- A minha mãe não tem.
- Então pede ao teu padrasto.

- *Inda* menos.
- Estás tão perto de casa, vai a casa comer.
- Ohhhhh... *Num* percebes??! Se vou a casa a minha mãe já *num* me deixa sair de casa, tenho d'aproveitar *qu'ela* não me veja, *p'ra* me pirar, *inda* por cima como, mas é doutra maneira.
- (De cómico nada tem, mas confesso que tive de fazer um esforço para não me rir).
- E porque é que a tua mãe te bate?
- Porque sou burro, *num* vou à escola, *tou* sempre na rua... bate ela e o meu pai quando chega. Sempre *c'os* copos!
- E se fosses à escola, se fizesses mais companhia à tua família, será que não te batiam menos?
- Oh! Quero lá saber... Não quero saber da família para nada! Para apanhar porrada, apanho na rua, *qu'ao* menos dou também... Chego tarde a casa e é melhor que já *teja* tudo a dormir, e de manhã, saio *p'rá* escola...
- Não queres saber da tua família para nada?!? Não gostas da tua mãe, do teu pai, dos teus irmãos?
- Oh, da minha mãe sim, do meu pai não e dos meus irmãos *tamém* gosto.
- E posso saber porque não gostas do teu pai?
- Olha, *s'o* teu pai te batesse *munto* e à tua mãe *tamém*, tu *gostabas* dele?

#### Escola, alento ou desalento?

- Porque sou burro, não vou à escola, *tou* sempre na rua... bate ela e o meu pai quando chega. Sempre *c'os* copos!
- E não vais à escola porquê?
- Olha, porque aquilo *num* interessa nem ao menino Jesus... e às vezes vou *qu'a* comida é fixe!
- E aprender a ler, a escrever?
- Oh eu não aprendo, a professora também diz que eu sou burro... passa a vida a sacudir-*m'o* pó; e depois vem outra, e *nunc'aprendo*.
- E os teus colegas?
- Achas? Só sabem fazer queixinhas! Choram *p'à* professora e *p'às* empregadas e elas... zás, toma lá Tó Mané que já apanhaste... são chungas!

Instituições, que pretensão?

- Tu és amigo do Toni que vai todas as tardes para S<sup>to</sup> Adrião, porque não vais também? Lá ajudam-te a fazer os trabalhos de casa, explicam-te o que não perceberes, dão de lanchar, escusas de andar a pedir 50 cêntimos...
- *Num* tenho pachorra... estão sempre "Tó Mané *p'raqui*, Tó Mané *p'ralá!*"; "Não faças isso, não faças aquilo..."; "Vamos cantar, vamos fazer teatrinho..."; "Vou falar com a tua mãe, vou falar com o teu pai, vou falar com a tua professora." Ohhhh, *num* tenho pachorra! Prefiro *tar aqui c'os* outros.

Grupo de pares, como se organizam?  
Companheirismo e/ou autoridade

- Prefiro *tar* aqui *c'os* outros...
- E quem são os outros?
- *Num tás* a ver?
- Sim, mas quem são? Teus vizinhos? Da tua escola?
- *Num* te disse que *num* tenho amigos na escola? Uns são do meu bairro, outros doutros bairros, outros eram amigos dos meus amigos e agora *támem* são meus amigos...
- E gostas deles?
- *D'uns* sim, *d'outros* não... *Támem* andamos à porrada. O do boné chegou aqui e tinha a mania *qu'era* dono disto; tivemos de *lh'acertar* o passo, para ele perceber quem manda...
- E quem é que manda?
- Mando eu, manda o Toni, manda o Ruizão... somos muitos!
- São muitos a mandar?
- Claro!
- Então porque é que o do boné não podia mandar e teve de apanhar?
- Oh, porque ele nem é de cá... ele *and'ái* há pouco tempo. Também *num* é assim, *num* achas? *Cheg' aqui* e começa logo a mandar "*bitaites*".
- E o que é que tu mandas?
- Por exemplo... para onde vamos... quem é que entra numa missão...
- Explica-me lá isso da missão que eu não percebi.
- Oh, *num* interessa...
- Explica-me lá! Que missões é que vocês têm? Ajudar um velhinho a atravessar a rua?

- (Gargalhada sonora) Faz de conta. Queremos chocolates. Dizemos ao Leandro e ao Rui *p'a* irem ao Feira Nova comprar... percebes? Eles vão lá dentro e nós ficamos cá fora à espera.
- E nunca nenhum de vocês foi apanhado?
- Claro!
- E não foram presos?
- (Outra gargalhada) Não! O segurança leva-nos para cima; diz-nos para pagarmos dois chocolates. Nós dizemos que não temos e eles dão-nos porrada... e vimos embora. Na *bez* a seguir já *num* bão os mesmos... porque são burros e deixaram-se apanhar, e *támem* para não apanharem outra vez, coitados, não é?

### Expectativas...

- Olha, diz-me cá uma coisa. Quantos anos é que tu tens?
- 8, já te tinha dito, esqueceste-te?
- É, já não tinha certeza... Quando fores velhinho vais continuar a andar na rua... assim, como andas agora?
- (gargalhada sonora) Não, claro que não! Eu daqui a pouco tempo arranjo um trabalho *cum'ó* meu irmão que trabalha na oficina do *Sô Zé* lá do bairro... (pausa) e uma namorada (outra pausa) ...
- E queres ter filhos?
- Claro, tu *num* tens?
- Tenho um na barriga, não vês?
- Oh, tens, tens! Que barriga?
- Há-de crescer, vais ver!
- E se os teus filhos andarem assim na rua como tu, o que é que tu lhes fazes?
- (Sacudiu os ombros e ficou com ar de quem tinha sido surpreendido, o que eu interpretei como tendo sido a primeira vez que era confrontado com a educação dos filhos, ah! ah! ah!)

## 2.ª Estória

### Família, discurso e relações

O Russo, tal como é conhecido no bairro onde mora e na rua, é rapaz de poucas falas. Nunca o vi esboçar um sorriso e não gostava de falar comigo em "*modos de entrevista*" (palavras dele). Não foi fácil de conquistar, mas muito rapidamente percebeu o que eu queria, e quando finalmente se resolveu a partilhar a sua estória comigo, passava então horas a falar... falava, falava, falava até se cansar, e o seu único desejo era que eu escrevesse a história dele. Mas sob uma condição... a de a ler e autorizar ou não a sua inclusão no meu trabalho. Prometi-lhe que cumpriria todas as suas exigências, e eis então a narrativa devidamente revista e autorizada.

Poucos amigos, a maior parte das vezes sozinho, mas talvez por causa do seu aspecto, todos sabem de quem se trata. Rapagão alto, fortalhão, tal como a alcunha indica, loiro, olhos bem grandes e azuis, um azul céu, e um olhar triste, muito triste...

Vive num bairro social da cidade, no mesmo em que vive o Tó Mané, e se consegui convencê-lo a mostrar-me o seu bairro, o mesmo não aconteceu com a casa. Recusou-se terminantemente a levar-me à sua casa.

É filho de um casal que não conseguia ter filhos, de modo que resolveram adoptar uma criança, uma menina a quem nunca revelaram a sua história.

Quando esta menina tinha 6, 7 anos, a mãe consegue engravidar. Diz o Russo que houve quem dissesse que o bebé (ele), não seria do marido da mãe (que ele reconhece como seu pai), pois desconfiava-se que o problema que estava na origem da não gravidez era do pai.

A menina fez-se moça e quando tinha catorze anos, numa ida ao médico de família que conhecia o caso, fica a saber, através do mesmo, que é adoptada. Ela fica muito revoltada e quer conhecer a mãe verdadeira. Acaba por fugir de casa, e passam-se alguns anos até que se saiba de novo do seu paradeiro.

Entretanto, o pai, diz o Russo que por causa do desgosto, ganhou um problema de pele e morre de cancro. Nesta altura tinha o Russo 10 anos.

O Russo fica muito revoltado com a situação porque atribui a culpa da morte do pai à irmã, e revela-se então, sobretudo na escola, uma criança desobediente, incontrolada e incontrolável, e começa a procurar a rua para passar o seu tempo.

Mais tarde, a mãe arranja um companheiro que é viúvo pela segunda vez: a primeira mulher morreu de cancro e a segunda electrocutada. O Russo não aceita de maneira nenhuma este novo companheiro da mãe e tal recusa surge como mais um motivo de revolta para o rapaz. Confessa não gostar do padrasto, apesar de ele não ser "*mau tipo*", e não suportar a mãe, justificação que apresenta para o facto de apenas ir dormir a casa, e tarde.

Apesar de o dinheiro não ser muito, é o suficiente, já que tanto a mãe como o padrasto, ambos com o actual 2.º ciclo cumprido, desempenham funções de tarefeiros de uma junta de freguesia da cidade. No entanto, como castigo ou medida de controlo sobre o filho, ambos lhe limitam a mesada.

Certo dia combinei encontrar-me com ele à porta da escola, mas depois de alguns minutos à espera sem que ele aparecesse, resolvi dar a volta ao recinto. Venho a aperceber-me do Russo sentado na relva, acompanhado de mais dois ou três de idade aproximada, partilhando um charro... Depois de o deixar "*curtir a onda*", quis abordar o assunto, mas ele não se perdeu em pormenores, rematando que de vez em quando sabe bem "*p'ra esquecer e p'ra curtir*". Insisti só para tentar saber onde é que ele arranjava aquilo e como é que arranjava dinheiro, e novamente de forma evasiva, respondeu-me que eu sabia perfeitamente que qualquer pessoa arranja aquilo, que é só querer, e que o dinheiro advinha de uns biscates (piscando-me o olho). Já não era a primeira vez que o Russo remetia as minhas questões para os meus pretensos conhecimentos da causa... sem querer desapontá-lo não insisti no momento, vindo mais tarde a perceber que os biscates consistem essencialmente na venda de peças roubadas.

#### Escola, alento ou desalento?

(...) O Russo fica muito revoltado com a situação porque atribui a culpa da morte do pai à irmã, e revela-se então, sobretudo na escola, uma criança desobediente, incontrolada e incontrolável, e começa a procurar a rua para passar o seu tempo.

Tem neste momento 14 anos e frequenta o 6.º ano. É um aluno que falta muito, estuda pouco (ou nada!), e o seu rendimento escolar é muito baixo. Tive a oportunidade de falar pessoalmente com um dos seus professores que lamenta o caso do Russo, porque pelos vistos, com um bocado mais de interesse e algum acompanhamento extra-escolar, ele poderia ser um aluno regular, quem sabe brilhante. Depois de ter passado uma fase de grande revolta que se reflectiu no seu comportamento, revelou-se uma criança de fácil trato, que não se mistura com os companheiros da escola, que por sinal o respeitam bastante, e não há memória de o ver recorrer à violência.

Refere-se à escola como sendo uma "seca", diz que não tem nada contra os professores, nem contra os colegas, nem sequer contra o pessoal auxiliar, mas que prefere calcorrear as ruas da cidade para apreciar... e de preferência sozinho!

#### Instituições, que pretensão?

Sabe de colegas que passam as tardes ou as manhãs, de acordo com o horário escolar, em centros que ajudam a estudar e que organizam umas "cenas fixas", mas conclui, tal como quando se refere à escola, que prefere passar os dias calcorreando as ruas da cidade... (faz questão de fazer uma pausa) "*P'rá apreciar!*"

#### Grupo de pares, como se organizam? Companheirismo e/ou autoridade

O Russo passa muito do seu tempo sozinho. Não tem um grupo definido, nem sequer amigos certos, conhece muita gente, na rua toda a gente o conhece, nem que seja só de vista, é muito respeitado, e partilha connosco que gosta mesmo de andar sozinho porque não gosta de se sujeitar a ordens... - "*Basta em casa!*". Vangloria-se de saber exactamente a quem recorrer conforme as necessidades, e de ser ajudado pelos "*putos certos*" quando precisa.

#### Expectativas...

Se eu tinha alguma dúvida relativamente à tristeza das expressões do Russo, afastei-as por completo quando lhe pedi para me falar do seu futuro. Permaneceu

silencioso durante algum tempo, e finalmente respondeu: "*Hei-de me safar como se safam todos. Só tenho de ter cuidado para não ser apanhado!*" Não fui capaz de lhe perguntar mais nada, também não era preciso, tinha ficado devidamente esclarecida!

### 3.ª Estória

#### Família, discurso e relações

O Zézinho é o protagonista da estória que se segue. Tem 9 anos, frequenta o 3.º ano do 1.º ciclo, e nem sei muito bem como o hei-de descrever... É dono de um dos sorrisos mais expressivos e marotos da cidade e é de facto igual a si próprio; não é alto nem baixo, não é gordo nem magro, nem moreno nem pálido, e é o mais fiel exemplo daquilo que eu denomino de furão. Sabe tudo, acerca de tudo, nada lhe escapa, consegue tudo o que quer, tira partido de tudo o que lhe aparece; vive a vida a 100%!

É mais um dos habitantes de um dos alguns bairros sociais da cidade de Braga. Mora num T2 que eu visitei, partilhado por 8 pessoas, ele é o terceiro de uma fratria de seis.

A mãe que não conseguiu concluir o 6.º ano é doente da coluna e recebe um subsídio da Segurança Social; o pai, com o 4.º ano de escolaridade cumprido, trabalha quando tem trabalho ou quando lhe apetece, passa os seus dias no tasco, espera também pelas contribuições mensais dos mais velhos. Não são de Braga, são de Lisboa, e diz quem sabe, que aviaram bagagens rumo ao norte para fugir do bairro e da cidade em que viviam onde o pai, por algum motivo que não consegui apurar, era perseguido por alguns vizinhos.

Roupa por todos os lados, não consigo perceber este fenómeno, pilhas e pilhas de louça para lavar, um ambiente marcado por um cheiro não comparável com nenhum outro até aí experimentado. Esta casa sobrevive do já referido subsídio da segurança social que a mãe recebe por alegada incapacidade para trabalhar, dos biscates na sucata que o pai consegue quando lhe apetece, e de algum dinheiro que os dois irmãos mais velhos que já trabalham entregam à mãe. O mais velho vai deixar de dar porque se vai juntar com uma rapariga.

Saimos lá de casa com uma recomendação da mãe: *"Zé, bê lá se trazes qualquer coisa, o pai, tá bisto que bem c'os copos, se num queres apanhar..."*

O Zézinho arrasta atrás de si um séquito de companheiros. Tão depressa o vemos envolvido numa luta entre semelhantes, como o vemos numa amena cavaqueira com vários amigos. Conheci-o no Centro Social de Stº Adrião, e à

excepção de dois ou três encontros, era sempre aqui que nos encontrávamos e que conversávamos.

Tem uma rotina diária muito rígida, que faz questão de cumprir escrupulosamente, e que foi curiosamente organizada em função das refeições:

*"De manhã vou à escola e como lá. De tarde também tenho escola e quando saio vou p'ráqui (referindo-se ao Centro), faço os deveres, lancho e... às vezes piro-me daqui mais cedo p'a ir brincar, mas só depois de lanchar!"*

Quando percebi que a sua assiduidade, tanto na escola como no centro, estava intrinsecamente ligada com a obrigatória presença às refeições, lembrei-me do jantar...

- E quando vais daqui para brincar, a que horas regressas a casa?

- Só vou à noite... p'a dormir!

- E jantar?

- À noite? Dão-me!

- Sim...

- Dão-te o jantar??? Quem é que te dá o jantar?

- Uns senhores e senhoras...

Só bastante mais tarde é que vim a perceber que o Zézinho tinha, espalhados pela cidade, alguns cafés e lojinhas que lhe davam de comer. Nunca percebi muito bem como é que isto tinha começado, ele também não sabia explicar-me, mas acho que a sua maneira de ser e de estar conquistava as pessoas, conseguindo delas o que queria, neste caso, o que precisava.

- E porque não vais jantar a casa?

- Porque *num* chega, somos muitos e às vezes *num* dá para todos.

- E a tua mãe ou o teu pai não se zangam contigo por tu chegares tão tarde a casa?

- Às vezes apanho... outras não! E se *num* apanho por isso, apanho por outra coisa. Eles querem é que eu leve coisas para casa...

- Que coisas?

- Dinheiro, comida, oh! Sei lá, tantas coisas!

- E se não lewares apanhas?

- Às vezes... o meu pai é mau... e burro! Mas é meu pai. E também bate nos meus irmãos... e na minha mãe... coitada!

Escola, alento ou desalento?

Para conversarmos acerca da escola e das suas expectativas resolvi convidá-lo para lanchar. Nesse dia, lembro-me de ter feito um enorme esforço para me arrastar até ao Centro. Não me apetecia nada fechar-me de novo entre quatro paredes e ver-me de novo mergulhada no mesmo ambiente em que tinha passado o dia. Por coincidência ou não, ainda não tinha estacionado o carro e vislumbro, através do espelho, o Zézinho que estava também a chegar ao Centro.

- Olá Zé, correu-te bem o dia?

- Oh... mais ou menos!

- Vamos dar uma volta?

- E lanchar?

Não esperava outra resposta...

- Boa ideia, vamos lanchar! Escolhe um sítio para irmos lanchar... Queres?

Apoderaram-se da carita dele um encantador sorriso de orelha a orelha e uma expressão incrédula...

- Lanchar contigo? E *bamos* no carro? Onde eu quiser?

- Sim Zé, já decidiste?

- Leva-me ao café Viana. Sabes *dond' é*?

(Como é possível viver nesta cidade e não saber onde é o café Viana...)

- Claro que sei... entra.

Ao longo do percurso que tivemos de percorrer entre a Quinta da Capela e o centro da cidade ele fartou-se de acenar a gente conhecida, e não parava de me dizer que conhecia o senhor daquela loja, a senhora daquela, que o dono do minimercado por onde passávamos lhe dava fruta... não se calou um segundo!

Gostaria de ter tido uma câmara de filmar para guardar para sempre a altivez com que ele entrou no café Viana, e a composta postura que ele adoptou durante todo o tempo em que lá estivemos. Perante tal compostura, eu sentia-me um verdadeiro trapo. E a título de curiosidade, não posso deixar de partilhar convosco o que ele pediu para lanchar: "*um cachorro quente sem mostarda, mas com muita maionese e ketchup, e uma Coca-Cola fresca, se faz favor*". Aquilo saiu-lhe tão certinho, tão cadenciado, tão de acordo com a norma, que a sensação que me deu é que ele teria feito o percurso a pensar no que iria pedir e a ensaiar o seu discurso.

E lá estivemos algum tempo a conversar sobre tudo, mas também sobre nada. Percebi a escolha do local, e percebi sobretudo o triunfalismo da sua entrada. Normalmente não o deixam, nem a ele nem aos seus amigos, aproximarem-se sequer das arcadas que delimitam o espaço do café.

Percebi também, pelos relatos na primeira pessoa, e pelas suas expressões, que não desgosta da escola. Não guarda mágoas em relação a ninguém lá da escola, parece até gostar de toda a gente. E parece que toda a gente, até as suas "vítimas", lhe acham piada. Reconhece que quando algum colega vai à mochila buscar a sua merenda da manhã e não a encontra porque o Zézinho já a comeu, ou que quando leva para casa o lápis ou a borracha do colega, até merece alguns dos castigos de que é vítima, ou algumas das chapadas de que é alvo... (palavras dele). Auto denomina-se de burro porque não consegue aprender, mas reconhece à professora muita paciência para o ensinar. O não guardar ressentimentos em relação à escola, aliado à necessidade de almoçar, fá-lo ultrapassar as dificuldades de aprendizagem e faz dele um aluno muito assíduo que acabou por se integrar.

*" (...) A professora ensina, ensina e eu inda nem sei ler... Ela é fixe, mas às vezes dá-me chapadas quando eu gamo os bolos e os lápis dos outros! Eu brinco c'os outros."*

#### Instituições, que pretensão?

Fala do centro e das pessoas todas que lá trabalham com muito carinho. Para além de lhe darem todos os pães e todos os copos de leite que ele pede, ajudam-no a fazer os trabalhos de casa, conversam com ele, e proporcionam-lhe actividades que ele gosta, nomeadamente o campo de férias no verão.

#### Grupo de pares, como se organizam? Companheirismo e/ou autoridade

O Zézinho está claramente inserido num grupo do qual dependem as suas experiências na rua. Explicou-me que o grupo já foi bastante mais pequeno, mas que foi crescendo. Começou com amigos do bairro e aos poucos foi aumentando.

" (...) *Eu trazi o Jinho qu'era primo dum do centro; o Paulinho, sabes? Ele não é do meu bairro e trouxe um amigo dele lá do bairro dele. E prontos, um traz este, outro traz outro e agora temos um grupo grande.* "

Várias vezes tive oportunidade de o ver reunido com os amigos, em grupo, em sítios mais ou menos certos da cidade. Conversam, troçam uns com os outros e com quem passa (os velhotes são os principais alvos), importunam as garotas que passam com piropos dos mais variados, fumam, definem estratégias:

" (...) *Vou ter c'o pessoal e logo se vê o qu'a gente faz p'a passar o tempo. Umas vezes andamos a passear, sabes qu'a passear aparece muita coisa... pedimos dinheiro a quem passa, gamamos umas cenas, tás a ver, uns telemóveis, umas mochilas, já gamámos umas sapatilhas, eh pá dessa vez é que foi (desata a rir)... o puto foi a chorar, de meias... não lhe roubamos as meias!". (...) *Andamos é sempre todos juntos. Às bezes separamo-nos quando é para fugir; se vêm atrás de nós, cada um corre para seu lado para confundir, percebes (piscando-me o olho)?**

A dúvida que me restava prendia-se com quem é que mandava no grupo, se é que alguém estava incumbido de tal responsabilidade, e perguntei-lhe:

- Ouve lá, oh Zé! Vocês são tantos... deve ser preciso um chefe para organizar aquela tropa toda, não?
- Nós temos um chefe, o Ivandro, aquele grande sabes?
- E porquê ele o chefe?
- Eu também sou chefe, mas ele é mais. Ele é grande. Ao pé dele os putos *num* têm medo.
- E para além de proteger os putos, o que é que ele faz mais?
- *Num* sabes o que faz um chefe? Manda! *Bira-se p'ra mim e diz "Zé, bem aí um beto, craba-lhe uns cêntimos, se ele num te der gama-lhe qualquer merda!"*
- E tu fazes?
- Claro, senão *lebo* uns carolos!
- E se não fumares também levas uns carolos? És tão novinho, não tarda nada ficas com os pulmões doentes...

- Fumam todos... mas num fumo charros! Isso é só os grandes, e não nos deixam. Só lá pr'ós 13... E se alguém se meter nas pesadas sai do grupo.

### Expectativas...

- Zé, o que queres ser quando fores grande?
- Sei lá! Eu já sou grande!
- Não Zé... grandes são os teus irmãos que já trabalham, o mais velho vai juntar-se com a namorada...
- Ui, mas eu não quero casar. P'rá confusão que é na minha casa, prefiro morar sozinho!
- Mas para morares sozinho, precisas de ter dinheiro para pagar a renda da casa, para comer...
- É... mas eu oriento... arranjo um trabalho, ou faço uns biscates, eu cá me hei-de desenrascar!

#### 4.ª Estória

##### Família, discurso e relações

A estória que vou contar a seguir tem como figura central o Quim Bilhas. Tem onze anos, frequenta o 6.º ano e é o terceiro filho de uma fratria de seis: três rapazes e três raparigas. São naturais de uma comunidade rural relativamente próxima da cidade, e resolveram vir para a grande cidade em busca de mais oportunidades do que as que tinham na aldeia.

No entanto, nem a mãe, nem o pai, nem sequer os irmãos mais velhos do Quim, filhos de uma geração mais recente, concluíram o 6.º ano de escolaridade.

Estatura normal para a idade, pele branquinha, cabelo escuro e olhos castanhos. Saltam à vista uma perspicácia e um sentido crítico espantosos para a idade. Exprime-se muito bem, com uma linguagem muito correcta, e um discurso muito claro e coerente. Conheci toda a sua família através dos seus relatos. Apercebe-se da sua condição de vida, mas faz questão de desdramatizar, recorrendo constantemente a comentários cheios de humor...

Mora também num bairro social da cidade de Braga, numa casa que diz estar "*a abarrotar!*", mas que não consegui que me mostrasse.

A mãe, vi-a uma vez no bairro, de passagem, vinha de trabalhar, faz limpezas em casas mas precisava de ocupar todas as manhãs e todas as tarde. Uma figura franzina, com uma expressão de olhar muito calma, muito bondosa, mas triste, talvez preocupada e cansada.

O pai, esse não o conheço, nem sequer de vista. Só pelos relatos do Quim. Sei que não trabalha, "*a saúde não deixa; ele até já foi a várias juntas médicas, é assim que se diz?!*", e que tem direito a uma pensão da segurança social.

Quanto aos irmãos, o mais velho não trabalha, está desempregado, "*custa-lhe é vergar a mola, mas ele diz que é difícil arranjar trabalho e que quando encontra qualquer coisa pagam mal e é por pouco tempo...*".

A seguir a rapariga, o orgulho do Quim, e da família em geral, "*Ela é muito bonita e tem muito jeito, é muito inteligente, não é como nós*", trabalha de dia numa loja de roupa, e completa o curso de direito na cidade do Porto, à noite.

O outro irmão, "*mau como as cobras, sai ao meu pai, tantas fez que está preso. Só queria que prendessem também o meu pai, assim acabavam as cenas de pancadaria a todos lá em casa. É que ninguém escapa!*". Na verdade encontra-se em regime fechado num dos estabelecimentos do Ministério da Justiça, enquadrado por uma medida no âmbito da Lei Tutelar Educativa.

Abaixo do Quim, temos os seus dois irmãos mais novos que frequentam o primeiro ciclo do ensino básico. "*O mais novo até já apanhou o mais velho, mas têm de ter muito apoio, coitados, são burros*".

#### Escola, alento ou desalento?

O Quim Bilhas, a figura principal da nossa narrativa, chegou certinho ao 5.º ano, e de há uns tempos para cá tem revelado comportamentos estranhos, diferentes, que ninguém lhe conhecia. Ninguém percebe muito bem o que se está a passar. Dizia-se até que era esperto como a irmã e que com sorte, distanciar-se-ia do futuro pouco colorido que o destino parecia ter-lhe reservado. Começou por faltar às aulas, a dizer que não gosta da escola, "*os professores gozavam-me por não saber responder, fiquei farto daquilo...*", a não querer a companhia dos seus colegas habituais, "*eh pá, eu batia nos putos porque eles também me provocavam...*". Pouco adiantou a intervenção das equipas técnicas. "*Fiquei farto daquilo, era só regras, tens de fazer isto, tens de fazer aquilo, não deu, cansei-me! Não vou mais, não me apetece...*".

A verdade é que o Quim deixou de facto de ir à escola, e de há uns tempos a essa parte, a sua vida dribla entre os assaltos e as drogas, as drogas e os assaltos – assaltos que lhe permitem sustentar o vício, vício que o incentiva e/ou obriga aos assaltos. Já foi por diversas vezes parar à polícia e ao hospital, locais que já o conhecem, e que entretanto assinalaram o seu caso e o participaram às entidades competentes. Por ordem do juiz do Tribunal de Menores, o Quim foi retirado do contexto familiar e está neste momento num centro de atendimento temporário que

fez pelo menos com que o brilho dos seus olhos tenha regressado aonde pertence... regressou também à escola e as coisas estão a correr bem!

### Instituições, que pretensão?

Das "minhas crianças na rua", o Quim é aquela que apresenta, presentemente, um desfecho, chamemos-lhe um entretanto de percurso, que implica instâncias e medidas a outro nível: Tribunal de Menores, juiz, decisão de retirada de casa, integração numa instituição de protecção.

Confesso que todo este processo provocou em mim um certo abalo ao nível das estruturas... não os trâmites que seguiu, teoricamente já os conhecia, foram os que devem ser, foram os legais, mas tudo o que envolveu, nomeadamente a família e a criança que são confrontadas com as suas incapacidades, com a sua impotência face à necessidade de uma resposta urgente. Senti que tinha saltado para um patamar que envolvia outros problemas... ainda mais sérios. Enquanto que a opinião do Tó Mané, do Russo e do Zézinho, relativamente a instituições, se confinavam ao centro social de S<sup>to</sup> Adrião, ou outro do género, que os apoiam durante uma parte do dia, a opinião do Quim referia-se a uma instituição de internamento, uma instituição que tinha aparecido na vida dele a substituir a sua casa, a sua família. Abalou-me!

Outro dia fui visitá-lo; apetecia-me vê-lo e interessava-me também saber qual a sua percepção relativamente a tudo o que se tinha passado. Fiz-lhe algumas perguntas. Muito parco nas palavras... "*não sinto saudades de casa, tenho mais sossego aqui, pelo menos não me batem tanto! Vou à escola e como a horas, nunca mais tive fome.*"

### Grupo de pares, como se organizam? Companheirismo e/ou autoridade

O Quim Bilhas fazia parte do mesmo grupo que o Zézinho; cheguei a vê-los juntos. Ouvei, inclusivamente, relatos repetidos, que fiz questão de acompanhar atentamente para os poder comparar e testar a veracidade. Ambos me contaram a história da vez em que roubaram as sapatilhas de um rapazito que ia a passar, e ambos vibravam particularmente com o momento em que o deixavam de meias, no meio da rua, a chorar. Não me vou repetir na informação relativa aos esquemas que o

grupo engendrava, estratégias, organização e liderança, porque um e outro dizem basicamente o mesmo.

No entanto, e na sequência do que já tinha percebido através do discurso do Zézinho, o nosso Quim Bilhas, a certa altura começa a enveredar por caminhos não aprovados pelos restantes membros do grupo, e começa a afastar-se do mesmo. Alia-se a dois colegas que eu vi algumas vezes de passagem, mas com quem nunca cheguei a falar, com quem partilha as suas novas experiências e necessidades, e os três roubam para terem dinheiro para poderem comprar a droga que necessitam. Há de facto uma ruptura com o grupo anterior, e a aproximação a outro; ambas se justificam por novas práticas, reprovadas pelo primeiro, partilhadas pelo segundo.

### Expectativas...

Abordámos o tema do futuro e das expectativas relativamente ao mesmo mais do que uma vez. O discurso do Quim relativamente ao tema, ia, tal como ele próprio, sofrendo algumas alterações.

A primeira vez que o questionei relativamente à sua vida e aos seus planos para a sua vida ele afirmou: *"Enquanto puder deixo-me andar, depois arranjo um trabalhinho, num bar ou assim, e vou estudar à noite!"*.

Noutra altura, pouco tempo antes de o retirarem de casa para o colocarem num centro, uma fase marcada por um estado de decadência avançado, de desinteresse total, de desistência, as palavras dele foram as seguintes: *"Não me fales em escola, nem na professora, nem nos colegas... quero que se f... todos! Não volto lá, nem que me paguem!"*.

Da última vez que o vi, na minha visita ao centro em que ele está internado, antes mesmo que eu o questionasse, das poucas palavras que tive a oportunidade de ouvir foram as seguintes: *"Pode ser que daqui p'rá frente eu ganhe juízo e passe a aprender qualquer coisa... como a minha irmã que está a tirar um curso!"*.

Vim mais tarde a saber que a irmã tinha sido, até ao momento, a única pessoa da sua família que ele tinha aceite rever; recusou-se a ver a mãe, o pai e os restantes irmãos.